

## Teorias Do Discurso Televisivo: Uma Introdução<sup>1</sup>

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Osvando José de Moraes

Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Mestrado em Comunicação e Cultura da UNISO – Universidade de Sorocaba.

Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela FFLCH - Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Literatura Brasileira, pela FFLCH - Universidade de São Paulo – USP. Doutor em Ciências da Comunicação, pela ECA - Universidade de São Paulo - USP

### Resumo:

O nosso trabalho tem como objetivo discutir os constantes desdobramentos da linguagem televisiva com seus variados tipos de discursos que constroem na Televisão uma ideologia que é disseminada por meio de imagens tecnicamente bem realizadas com mensagens elaboradas. Há vários aspectos a serem considerados: os efeitos observáveis sobre os indivíduos que ficam expostos à televisão; a construção do imaginário do telespectador; a possibilidade de interação entre os atores do fenômeno comunicacional, entre outros.

### Palavras-chave:

televisão; discurso televisivo; ideologia; cultura.

Para se fazer um levantamento das principais Teorias do Discurso e aplicá-las, no sentido ideológico, ao discurso televisivo é preciso repensar e acompanhar o desenvolvimento tecnológico tanto como prolongamento das capacidades sensoriais e mentais do indivíduo quanto idealizador de uma paisagem extremamente favorável a esse ambiente.

Os tipos de discurso que são utilizados na televisão têm sua base na construção de mensagens bem elaboradas com pelo menos dois sentidos: o primeiro, ligado diretamente à venda de produtos; já o segundo, relaciona-se ao mundo das idéias que esses produtos representam e estão inseridos.

As imagens são a concretização do discurso televisivo, que ao serem consumidas necessitarão de um tempo para metabolização e posterior incorporação no seu imaginário do receptor. No entanto, esse processo poderá dar-se a curto, médio, e a longo prazo, dependendo da intensidade e da veemência do produtor do discurso. Na televisão observa-

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Teorias da Comunicação, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

se uma transmissão quantificada, isto é, o discurso dividido em quantidades discretas, verdadeiras unidades mínimas do discurso: os seus *quanta*. São apresentadas em intervalos de tempo maiores ou menores; configurando uma repetição cujo resultado será a construção de um ideário alterado pelos acréscimos resultantes da absorção, voluntária ou não, dependendo da constância da exposição e do número de horas cotidianas.

Variando de indivíduo a indivíduo, constata-se que em prazos indeterminados a incorporação do discurso no imaginário irá aflorar, em seu devido tempo, quando da reprodução do discurso pelo receptor, que conterà visivelmente essas unidades.

Os meios de comunicação são freqüentemente considerados como disseminadores da ideologia dominante. No caso da televisão, ela domestica, pacífica e narcotiza a massa que se vicia em sua atração pela forma, cores, e brilhos das imagens em movimento rápido – rapidez que caracteriza a própria semiótica televisiva. Toda uma população estar à frente da televisão já é o ganho da classe dominante. Segundo Terry Eagleton, mais do que controle ideológico das massas a televisão tem como função maior o controle social. Portanto, a ideologia parece, segundo Eagleton, ocupar um segundo papel na intenção do produtor de mensagens. A incorporação, pela massa, da ideologia dar-se-ia apenas ao fim de algum tempo e seria perceptível pela alteração visível, produzida nos consumidores, em comportamentos novos, novos posicionamentos políticos e que portam unidades, em quantidades maiores ou menores, de discurso repetido.

Em 1979, o filme *Muito Além do Jardim / Being There*, baseado na novela *O Vidiota*, de Jerzy Kosinski apresentava um personagem hipotético, Chance, que crescera isolado do convívio humano e sem leitura de textos literários, cujo único contato com o mundo exterior dava-se através de sua exposição à televisão. Quando é necessário que estabeleça diálogos interpessoais, o faz através de repetições de blocos inteiros de textos verbais e não-verbais absorvidos da programação da televisão. É claro que se trata de uma fábula que pressupõe um isolamento quase que total do indivíduo que tem apenas a televisão como fonte de palavras e ações, no entanto, na vida cotidiana é possível encontrar infinitos semi-Chances, a reproduzir por inteiro o discurso televisivo absorvido na noite anterior através dos telejornais noturnos.

No seu texto autobiográfico, *A Montanha dos sete patamares/ The seven storey mountain*, Thomas Merton, escritor e monge trapista americano, relata suas experiências sociais na década de 40, exatamente no ano de 1941, data de sua entrada no mosteiro.

“Ali naquele *slum* imenso, sinistro e fumarento, centenas de milhares de negros viviam acumulados como gado, a maior parte sem comida nem trabalho. Sentimentos, imaginações, sensibilidades, mágoas, desejos, esperanças e ideais numa raça com reações e sensações emotivas profundas viviam comprimidos uns sobre os outros e cobertos com enorme placa de frustrações: o preconceito que os circunvalava com quatro séries intransponíveis de paredes. E assim, inestimáveis dons naturais, critério, amor, música, ciência, poesia, eram jogados dentro daquele imenso caldeirão e postos a ferver com a escória numa natureza elementarmente corrompida, e milhares e mais milhares de almas se estavam destruindo pelo vício, pela miséria e pela degradação até se desumanizarem, varridas de vez do registro dos vivos. (MERTON, 1956, p. 381)

A imagem construída a partir do texto de Merton remete a duas situações distintas do povo brasileiro, ambas com um denominador comum – a prisão. Na primeira, a imagem de Merton, figurativiza a prisão disfarçada que é o viver dos excluídos nas periferias de todas as grandes cidades das sociedades regidas pelo capitalismo avançado. A questão social advinda da má distribuição de rendas, a incapacidade sequer de ser consumidor, verdadeiros párias da sociedade sobrevivendo, à duras penas, de pequenos trabalhos – os biscates, ou de pequenos golpes. Uma prisão sem grades concretas produzidas pela ignorância e pela subescolaridade. Por outro lado, a imagem se presta também às prisões reais, onde de início seres humanos, são confinados com culpa, ou sem culpa, ou meia-culpa, porém cuja culpa maior é ser excluído do banquete. Ali jogados, “comprimidos uns sobre os outros e cobertos com enorme placa de frustrações”, retornam à condição de bicho anteriores às suas condições de pessoas humanas “até se desumanizarem, varridas de vez do registro dos vivos”.

“O que não tem sido devorado em tua negra fornalha, Harlem, pelo gim, pela maconha, pela loucura, pela histeria, pela sífilis?”

A grande imprecisão do autor em seu indisfarçável amor pelo humano dirige-se ao Harlem, como seu interlocutor, o mesmo fazendo o paulistano e o resto do Brasil ante os recentes acontecimentos envolvendo polícia e bandido, iniciados pela população carcerária

de São Paulo e estendida aos outros estados. Só que aqui o Harlem a ser questionado é o Brasil, o país como um todo.

Os que conseguem vir a tona desse caldeirão fervilhante e permanecer em sua superfície mercê de qualquer qualidade espiritual, ou por terem saído de Harlem para algum colégio ou escola, esses não se aniquilam de vez; mas só lhes é dado o privilégio dúbio de viver da única coisa que Harlem possui em matéria de ideal. Sim, caber-lhe-á apenas a triste tarefa de contemplar e de imitar o que se passa no mundo dos brancos com o nome de cultura. (MERTON, 1956, p. 381)

Merton assinala os periféricos, aqueles que tal como na alegoria da caverna de Platão foi concedida a visão de um outro mundo, bem diverso daquele em que padeciam, sem o saber. Porém, a ironia para esses semi-eleitos, resume-se na *mimesis*. Uma vida de mentira, emprestada, que os reduzirão, forçosamente, a uma mera caricatura do modelo. Uma outra ironia que remete ao espectador de televisão: é-lhe concedido o direito de “contemplar”, semelhante à única concessão aos miseráveis brasileiros que entulham favelas, cortiços ou cabeças-de-porco: ter acesso virtual, na “ação” de assistir ao luxo e ao lixo das classes ricas mostrados pelas novelas das oito, envolvendo-se e fazendo-os seus, com os problemas de Bia Falcão/Fernanda Montenegro. A “cultura” da classe média para cima passa à condição de modelo didático para a imitação caricatural.

De modo que o paradoxo de esse fenômeno é que Harlem em si e cada indivíduo preto que aí vive, são uma condenação viva à nossa chamada “cultura”. Harlem está postada acolá, à guisa dum ato de anátema à cidade de New York e aos que vivem no centro, amalhando ouro. Os bordéis de Harlem, toda a sua prostituição e concupiscência são o reflexo dos maneirosos divórcios e dos adultérios requintadíssimos de Park Avenue; são o comentário de Deus a toda a nossa sociedade. (MERTON, 1956, p. 381)

A ambigüidade que se estabelece no receptor pobre de modelos ricos que em suma constituem uma outra cultura, incluindo ao termo toda a gama de signos secundários que o acompanham, principalmente as reações ante as injunções paradoxais que os autores da trama televisiva lançam suas personagens. “Harlem é, num certo sentido, o que Deus pensa de Hollywood. E Hollywood é tudo quanto Harlem tem, em seu desespero, para se agarrar, à guisa de uma contrafação do céu”. (MERTON, 1956, p. 381)

Hollywood renasce em terras brasileiras tal como cópia em papel carbono. A Rede Globo de Televisão já recebeu o epíteto de “a vênus platinada”, em uma referência a

uma atriz de Hollywood – Jean Harlow – que de certa forma simbolizava a sua capacidade, idêntica ao seu modelo americano, de transformar pessoas em estrelas, entidades supralunares e por isso inalcançáveis. A tarefa exercida pela Globo, atualmente, junto ao povo brasileiro, é idêntica à de Hollywood dos anos 30 – época de ouro do cinema americano – fornecer sonhos, ilusão, devaneios e, principalmente, material para construção de um ideário suficiente para o telespectador manter-se “entretido”, enredado pelas tramas de suas novelas – a vida de mentirinha – e co-participe da vida social através da seriedade e da credibilidade passada pelos telejornais.

O Harlem como uma metáfora de todos os excluídos do Brasil que se espalham por este imenso território continental. Observa-se a primeira tentativa de produção de um pensamento único, através da sincronização de todos os miseráveis, pelo governo de ditadura de Getúlio Vargas, a partir da década de 30, com a criação da Rádio Nacional.

Seria uma metáfora apenas parcial visto que os negros norte-americanos encontravam-se ilhados e confinados, ironicamente, entre quatro paredes de um bairro de Nova York, cidade-símbolo de pujança e riqueza dos Estados Unidos, enquanto que os miseráveis brasileiros, em uma democracia racial – os miseráveis brasileiros são multicoloridos indo do branco ao preto passando pelos incontáveis matizes da cor parda, encontram-se dispersos pelos quatro cantos do país.

Na segunda ditadura, de 1964, a rede capaz de cobrir todo o país e seus miseráveis, se fez como produto simbiótico das relações, no mínimo discutíveis, entre o governo ditatorial que se instalou no país e a então Emissora Globo de Televisão, principal beneficiária e colaboradora do movimento militar de 64. É Terry Eagleton que atribui aos meios de comunicação de massa, a Televisão em 1º lugar, a função principal de promover o controle social através da disseminação de ideologias e produzir o alheamento às questões políticas em virtude do prazer usufruído pelas massas expostas cotidianamente ao mundo abstrato e feérico emanado das telas da televisão. Em Eagleton, percebe-se quase um retorno às teorias funcionalistas dos meios de comunicação de massa, inclusive apontando para o efeito narcotizante produzido pela transformação de tudo, inclusive a política, em entretenimento.

A cidade de São Paulo, na tarde de segunda-feira, 15 de maio próximo passado, mostrou a comprovação do poder de sincronização exercido pelos meios de

comunicação sobre uma sociedade. Às quatro horas da tarde, toda uma população, assustada e em pânico, foi tangida às ruínas claramente influenciada pelo sensacionalismo do rádio e da televisão que extrapolavam o seu dever de fornecer informações. Visivelmente, quase em desespero, buscando condução que a levasse ao ar como destino e refúgio. As imagens exibidas pela televisão na segunda-feira repetiam o que já haviam mostrado desde a noite da sexta-feira anterior; era sempre o mesmo ônibus em chamas. Nesta repetição continuada era impossível não se reportar à cobertura televisiva do famoso 11 de setembro americano quando as imagens dos aviões no momento do choque com as torres gêmeas foram reexibidas, incansavelmente. Uma horda desmotorizada seguia pelas calçadas em direção aos terminais do transporte público, que por sua vez também desapareceu das ruas, se resguardando de supostos ou possíveis ataques. Estranha também a atitude dos empresários ou diretores de firmas que ao invés de reterem seus funcionários nos postos de trabalho, a salvo, os enviaram para as ruas a engrossar a multidão na louca tentativa de regresso ao lar. O que para uma grande parte aconteceu muitas horas depois, após longas e extenuantes caminhadas.

Como estamos no terreno de estudo da Comunicação e de seus meios, devemos registrar a impossibilidade irritante e nervosa dos que recorreram à telefonia, móvel ou fixa.

A nossa intenção, com este relato, é de certa forma atestar o que diz Eagleton sobre o poder dos meios de comunicação em agir sobre o imaginário das massas, e movimentá-los.

Por outro lado, sabemos ser próprio da Neo TV, a televisão atual e globalizada, visto a interligação via satélite das grandes redes internacionais, distribuir como atrações, os fatos feios ou bonitos, ocorridos em cada parte do mundo, para o mundo, para os que assistem em suposta segurança no recesso de seu lar. Não se pode esquecer das palavras de Aristóteles, em sua Poética, quando afirma ser tolerável a visão do horror quando representado, e não vivido.

As questões culturais, certamente, não escapam aos processos ideológicos que têm significados variados. O sentido mais comum nas críticas “materialistas” das idéias que aplicam o conceito de ideologia é a sua associação às questões políticas.

Nesse sentido, os textos culturais produzidos e veiculados pela televisão não estão isentos desta mesma destinação, pois é este um mundo que exige resultado rápido e a

multiplicidade de ideologias dificulta o diálogo, seja com a cultura em processo de construção, seja com a comunicação que interfere nesse mesmo processo.

A redação da televisão com os diversos segmentos da sociedade produtores de idéias não deixa dúvidas sobre o uso de técnicas persuasivas na produção de mensagens. Utilizam todas as mídias como instrumentos poderosos voltados a estruturação e consolidação do poder por meio de idéias.

Tais idéias analisadas do ponto de vista “marxista” são falsas e gerariam atitudes, ações e também cultura falsas.

Pode-se dizer que todas as etapas da construção da mensagem são controladas e sua leitura é pensada prevendo sua trajetória que vai da construção da mensagem à recepção. Portanto, nada é gratuito. Tudo é pensado e previsto.

### **Bibliografia:**

BRYSTINA, I. Fundamentos da Semiótica da Cultura. São Paulo: Annablume, 1997.

BRYSTINA, I. Tópicos de Semiótica da Cultura. São Paulo: CISC-Pré-Print, 1995.

EAGLETON, Terry. A Idéia de Cultura / The idea of culture. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

\_\_\_Depois da Teoria - Um olhar sobre os Estudos Culturais e o Pós-modernismo / After theory. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_Ideologia – uma introdução / Ideology – na introduction. Trad Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da UNESP / Boitempo, 1997.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, LC.; FRANÇA, V.V. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. São Paulo: CULTRIX, 1995.

LARAIA, R. Cultura. Um Conceito Antropológico. Rio: J.Zahar, 1986.

LOTMAN, I.M.. Acerca de la Semiosfera. Valencia/Espanha: Ediciones Episteme, S. L., 1995.

MERTON, Thomas. A Montanha dos Sete Patatares. Rio de Janeiro: Mérito, 1956.

NÖTH, Winfried e SANTAELLA, Lucia. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. Produção de Linguagem e Ideologia. São Paulo: Cortez, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: CULTRIX, 2000.

USPENSKIJ, B.A. (1988). Storia e Semiotica. Milano: Bompiani.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.